

# O CONHECIMENTO DO JORNALISMO NO CÍRCULO HERMENÊUTICO

Copyright © 2010  
SBP<sup>Jor</sup> / Sociedade  
Brasileira de Pesquisa  
em Jornalismo

CHRISTA BERGER  
*Universidade do Vale do Rio dos Sinos*

## RESUMO

Nas cartas escritas por Voltaire, Juan Luis Cebrián e Alberto Dines, localizo um saber originado da experiência que se transforma em conhecimento para o exercício da profissão. Neste saber há sinais de que o jornalismo dialoga com as disciplinas das ciências sociais e da linguagem, ao mesmo tempo em que seus autores apontam as questões que serão transformadas em objeto de estudo das teorias do jornalismo. Do saber da experiência para a prática científica e desta para o exercício da profissão há uma circulação de saberes que, neste artigo, inscrevo na perspectiva do círculo hermenêutico apontado por Boaventura de Souza Santos.

**Palavras-Chave:** Prática jornalística. Cartas de jornalistas. Conhecimento científico. Círculo hermenêutico.

## INTRODUÇÃO

Considero fundamental para situar a natureza do conhecimento em jornalismo iniciar pelas perguntas mais simples: de onde provêm as questões que motivam as teorias do jornalismo? Como repercute o conhecimento advindo destas teorias na prática jornalística? Qual a posição do campo de estudo do jornalismo no interior das Ciências Sociais?

A perspectiva que inscreve a produção de conhecimento científico em um círculo hermenêutico parece apropriada para dar conta destas perguntas. Por três motivos: a) porque transforma a ciência - estranha e distante - em algo familiar e próximo, que, não falando a língua de todos os dias, é capaz de nos comunicar as suas descobertas e seus limites; b) porque considera a produção de conhecimento como uma prática social que se realiza em diálogo com o mundo; e c) porque ensina que não podemos compreender qualquer das partes (as “descobertas” das diferentes disciplinas) sem termos alguma compreensão de como “trabalha” o seu todo, e, vice-versa, não podemos compreender a totalidade sem termos alguma compreensão

de como “trabalham” as suas partes.

A reflexão hermenêutica, portanto, visa transformar o distante em próximo, o estranho em familiar, através de um discurso racional orientado pelo desejo de diálogo com o objeto da reflexão para que ele nos fale, e nessa medida nos seja relevante, nos enriqueça e contribua para aprofundar a compreensão do papel do conhecimento na sociedade.

Trazendo a reflexão hermenêutica para o jornalismo observamos a importância de considerar os estudos em jornalismo como uma prática social em diálogo com a sociedade, com o fazer jornalístico e com as disciplinas que formam a constelação das Ciências Sociais e Humanas. As teorias do jornalismo como uma parte devem saber como “trabalham” as outras partes e como a sua parte é trabalhada pelo todo.

Sabemos que as Ciências Sociais se constroem a partir de uma totalidade, a “realidade social”, o “fenômeno social total”, e que por isso a distinção entre as várias disciplinas só pode provir delas mesmas, e não pode ter outro significado que não seja o de cada uma dessas disciplinas encarar, abordar, analisar de uma forma diferente aquela mesma realidade.

A fragmentação disciplinar, que assim resulta de processos internos ao conhecimento científico-social, produz neste um duplo esquecimento: o de as Ciências Sociais serem uma prática social dentre outras; o de as diferenças que elas constroem sobre a realidade social (os seus objetos teóricos) não serem diferentes das diferenças que lhes permitem afirmar a sua autonomia enquanto práticas sociais que constituem o “fenômeno social total” e em relação aos demais saberes, científicos ou não, que sobre este último se constituem. A reflexão hermenêutica tem, pois, aqui um duplo cabimento: tornar compreensível o que as Ciências Sociais são na sociedade e o que elas dizem sobre a sociedade (SANTOS, 1989, p. 14).

Os estudos de jornalismo constituem-se como uma disciplina pela fragmentação disciplinar existente, com a incumbência de encarar, abordar, analisar um aspecto da realidade social – as práticas e as linguagens jornalísticas – que, por sua vez, não existem fora da sociedade e não se produzem fora da linguagem.

A reflexão hermenêutica contribui, também, para pensar as relações entre as práticas e para saber ouvir o que o jornalismo tem a dizer sobre si e sobre a sociedade, acompanhando o alerta de Bourdieu:

Uma prática científica que esquece de se pôr a si mesma em causa não sabe, propriamente falando, o que faz. Presa no objeto que toma por objeto, ela descobre qualquer coisa do objeto, mas que não é verdadeiramente objetivado, pois se trata dos próprios princípios do objeto (BOURDIEU, 1998, p. 35).

Cabe, pois, por em questão os estudos de jornalismo, como uma prática científica, que de forma muito particular tem grandes possibilidades de incorrer no erro de que fala Bourdieu: é fácil nos enredarmos nos princípios do jornalismo como se eles fossem, em si, o objeto de estudo do jornalismo.

Por outro lado, o que estudar do jornalismo sem partir de seus princípios e suas práticas? Este, talvez, seja o primeiro diálogo no circuito dos saberes ou no círculo hermenêutico que o estudo do jornalismo suscita.

Quais são os princípios do jornalismo? Como se dá o deslocamento dos princípios do jornalismo para o estudo dos princípios do jornalismo e, como, neste movimento são convocadas as diferentes disciplinas? Em última instância trata-se de observar como se dá a relação entre as partes e o todo.

Voltando aqui à primeira das perguntas simples do início do texto: de onde provêm as questões que motivam os estudos de jornalismo, respondo: elas provêm do exercício da profissão. O primeiro movimento na direção do conhecimento sobre o jornalismo vai do saber pelo exercício da profissão a um saber formulado como conhecimento, prescrição ou orientação. Que conhecemos, por exemplo, na forma dos Manuais de Redação, mas que se encontram, também, em outras manifestações.

Como exemplo, apresento três textos de jornalistas que, refletindo sobre a profissão, sintetizam um conhecimento sobre ela.

É um saber da experiência escrito em um gênero muito especial: a carta. Na carta alguém se dirige a outrem para lhe dar notícias, contar coisas, aconselhar, perguntar. E, ainda que para tratar de temas racionais, a carta carrega a marca do texto subjetivo, do tratamento coloquial, da disponibilidade para estabelecer uma relação. Neste caso, são cartas de quem se autointitula como alguém que está autorizado a dar conselhos: o jornalista que sabe, porque é um profissional do jornalismo, fala para quem quer vir a ser um jornalista. O interlocutor desta carta quer saber o que é o jornalismo para exercer e dar continuidade ao ofício. É um saber prescritivo que encontramos, na forma mais simplificada, nos Manuais de Redação.

As cartas foram escritas em épocas e lugares muito distintos: Voltaire na França, Juan Luis Cebrián na Espanha e Alberto Dines no Brasil.

*Conselhos a um jornalista*, publicado em 1765, é a segunda versão do texto *Exortações a um jornalista*, de 1737. Tem 37 páginas. Voltaire, dizem seus biógrafos, abordando os mais diversos assuntos

agia como um autêntico jornalista na difusão de suas ideias de ordem política, social ou literária. Ele disse: “meu ofício é dizer o que penso”. O apresentador da carta diz na introdução do livro:

A estratégia voltairiana, se esforça por mobilizar a opinião pública. Daí a divisão da obra em capítulos curtos, entremeados de ditos espirituosos e que apelam, no final, para a emoção. É o jornalista. É a vocação de jornalista. Alguns de seus panfletos chegaram a ter tiragens de 300 mil exemplares, até o clero lia seus escritos (VOLTAIRE, 2006, p. IX).

*Cartas a un joven periodista y um epílogo para adolescentes*, de Juan Luis Cebrián publicado em 2003, teve uma primeira edição em 1977. Tem 22 páginas. Cebrián nasceu em Madrid em 1944, é fundador do jornal *El País*, dirigiu o jornal de 1976 a 1988 e depois se tornou um executivo do grupo. Tem muitos livros publicados. O mais recente é *O Pianista no Bordel. Jornalismo, democracia e novas tecnologias*, publicado no Brasil em 2010. Nas *Cartas* de 1977 seu interlocutor se chama Honório, “apenas um nome, a quem posso contar minhas experiências”, diz o autor, e acrescenta:

De modo que tu podes ser um bom pretexto, talvez nada mais do que isto, para que ao escrever-te escreva para mim mesmo e reflitamos juntos sobre esta profissão que preencheu toda minha existência, a que dediquei mais tempo que a nenhuma outra coisa nesta vida, e que me proporcionou tantas satisfações que nem queiras imaginar, em troca apenas de dedicar-me a ela com a veneração de um fiel e a resignação de um escravo (CEBRIÁN, 2003, p. 3).

Alberto Dines publicou em setembro de 2010, na edição especial sobre jornalismo da *Revista da ESPM*, sua Carta a um jovem jornalista. Tem quatro páginas. Alberto Dines tem atuação de 50 anos no jornalismo. Criou o primeiro periódico de acompanhamento da mídia no Brasil por meio do site *Observatório da Imprensa*, com presença regular na internet desde abril de 1996, e que atualmente também conta com versões no rádio e na TV. Dines já publicou mais de 15 livros.

Reproduzo alguns fragmentos de cada carta, escolhidas pelo que dizem do amor à profissão (sempre heróica) e das disciplinas que elegem para explicar a parte do jornalismo no todo das Ciências Sociais.

### **Voltaire:**

Perguntas como se deve agir para que tal jornal agrade nosso século e a posteridade. Responderei com duas palavras: Sê imparcial. Tens ciência e gosto; se, além disso, fores justo, predigo-te um sucesso duradouro. Aconselho-te, sobretudo, ao incluíres escritos de filosofia, que exponhas primeiramente ao leitor uma espécie de síntese histórica

das opiniões propostas ou das verdades estabelecidas. Menciona na devida ocasião os inventores de todas as novas descobertas. Que tua publicação seja um registro fiel da glória dos grandes homens. Acima de tudo, ao expor opiniões, apoiando-as ou combatendo-as, evita palavras injuriosas que irritam um autor e muitas vezes toda uma nação, sem esclarecer ninguém. Exclui animosidade a ironia.

Inspira, sobretudo, aos jovens mais gosto pela história dos tempos recentes, que é para nós uma necessidade, do que pela antiga, que não passa de curiosidade; que cogitem que a moderna tem vantagem de ser mais certa, pelo próprio fato de ser moderna.

Rogo-te expor de forma clara que, se nossas histórias modernas escritas por contemporâneos são mais certas, em geral, que todas as histórias antigas, são por vezes mais duvidosas nos detalhes. Explico-me. Os homens diferem entre si quanto ao estado, ao partido, à religião. O guerreiro, o magistrado não veem os mesmos fatos com os mesmos olhos: tal é o vício de todas as épocas. [...] Não temos historiadores antigos que tenham escrito uns contra os outros sobre um mesmo acontecimento: teriam semeado a dúvida sobre coisas que hoje consideramos incontestáveis. Por pouco verossímeis que sejam, respeitamo-las por duas razões: porque são antigas e porque não foram contraditas. Nós, historiadores contemporâneos somos um caso bem diferente.

Na exposição que farás desses livros engenhosos, não cairás naquela severidade de alguns críticos. Nunca empregues uma palavra nova, a não ser que ela tenha estas três qualidades: ser necessária, inteligível e sonora. Ideias novas, principalmente em física, exigem expressões novas; mas substituir uma palavra usual por outra palavra cujo único mérito é a novidade não é enriquecer a língua, é aviltá-la. Os documentos públicos e os jornais são continuamente infectados de expressões impróprias com as quais o público se acostuma à força de relê-la.

Cumula-te de ideias profundas e justas. Assim, as palavras vem facilmente. Observa como os homens que melhor pensaram foram também os que melhor escreveram (VOLTAIRE, 2006, p. 3-37).

### **Juan Luis Cebrían:**

Em quatro cartas, Cebrían aborda a questão da vocação, da formação profissional, da liberdade de expressão e da diferença entre vida privada e intimidade quando o jornalista informa sobre pessoas públicas.

Se tens ou não vocação? Melhor perguntar se és curioso, impertinente, se te interessa o que te rodeia, se queres averiguar o porquê das coisas. Então, não sei se tens vocação, mas pelo menos algumas das aptidões necessárias.

Porque na verdade, o que é ser um jornalista?

Uma das condições primeiras é a curiosidade. Os filósofos chamavam a isto de capacidade de assombro, e implica certa ingenuidade de espírito, um amor ao que é novo, em estar disposto a deixar-se surpreender a cada manhã.

O bom do jornalista a secas, é que se interessa por tudo, se enamora de tudo, se arrebatava por tudo e para todo. Seu ofício é destripar os fatos para sintetizá-los. Olha a primeira página de um jornal. É um mosaico irregular no qual se mesclam as últimas notícias da política com o resultado do jogo de futebol e crimes passionais. Detrás de cada um destes relatos está um jornalista que os escreve, e outro que os valora e tem a sensibilidade de suspender coisas tão diferentes e buscar as motivações comuns que o leva a depositar todos estes fatos na primeira página: aquelas que se referem ao interesse do leitor.

Ou seja, um jornalista necessita exercitar o prévio desejo de

conhecer, e nisto se assemelha aos filósofos, mas igualmente há de sentir a necessidade de contar estas coisas, e nisto se parece a um narrador (CEBRIÁN, 2003, p. 2-5).

Na segunda carta ele simula uma pergunta de Honório sobre se deve matricular-se em uma Faculdade de Jornalismo.

O que te asseguro é que o jornalismo é qualquer coisa menos uma ciência. Já se discorreu muito sobre isto e seguiremos discorrendo. A discussão tem importância, pois de como se resolver a preparação de nossos futuros jornalistas dependerá a qualidade da nossa imprensa no futuro.

O jornalista é por natureza um generalista, mas um jornalismo de qualidade, exigente e rigoroso na descrição dos fatos, necessita de um bom número de especialistas – em economia, em ciência, em saúde, em leis – capazes de entender o que acontece e de narrá-lo aos demais. Por outro lado existem algumas técnicas e normas específicas da profissão – como conseguir uma notícia, como constatar as fontes, como redigir uma reportagem, como utilizar as novas tecnologias – cujo conhecimento é básico na hora de exercer a profissão. Estuda economia, ou leis ou ciências políticas, fica especialista em humanidades e, então, aprende o ofício de informar. E que não te falhem nem as tripas e nem a raiva e que não tenhas demasiada pressa que é uma das enfermidades dos nossos jovens (*Ibid*, p. 6-9).

Na terceira carta ele fala sobre o dever de informar que se refere basicamente aos senhores do poder:

[...] e que não devem em hipótese alguma aplicar-se a cidadãos indefesos e muito menos quando da aplicação de leis tão pouco humanitárias e cínicas como as que enviaram Maria à prisão por se submeter a um aborto. Ao amparo das grandes declarações sobre a liberdade de expressão ou acerca do direito à informação, não são poucas as práticas do jornalismo sensacionalista, que se emprega com o único objetivo de vender, ganhar mais audiência e triunfar à custa da desgraça alheia.

Considero que muitos destes jornalistas são bons jornalistas: tem curiosidade, empenho, a paixão e o ceticismo necessários para dedicar-se ao ofício. Mas falha a sua convicção de cidadãos. As normas morais não podem contemplar-se de maneira diferente das regras da profissão (*Ibid*, p. 10-11).

Por fim, estendendo o problema da liberdade de informar Cebrián diferencia os conceitos de vida privada e intimidade, manejados com frequência de forma confusa e aleatória. Diz ele:

A primeira refere-se à esfera social em que se desenvolve a existência da pessoa e de sua família, a intimidade implica alusões à personalidade, a sua valoração moral, a sua integridade intelectual. O interesse público é algo consubstancial a liberdade de expressão. Se esta é um bem social e não somente um direito dos indivíduos me parece obvio que algumas das liberdades pessoais podem decair em seu exercício a luz de um interesse superior. Que é o interesse público.

Existe um direito a saber dos cidadãos que deve ser correspondido por um esforço de veracidade dos jornalistas (*Ibid*, p. 16-18).

**Alberto Dines:**

Chamando sua carta de um *mega-twitter* dirigido ao jornalista que se considera titular da última profissão romântica, Dines, diz que para habilitar-se a ser seu destinatário basta uma forte dose de devoção ao ofício.

Depois de dizer que jornalismo é profissão+estado de espírito, diz que é um gênero de atividade sincrética que logo se converte em natureza e, em seguida, em empenho vital, em disposição de mudar o mundo.

O que é indispensável para mudar o mundo a partir do jornalismo? Uma pequena caixa de ferramentas e nela um apetrecho essencial: o conhecimento da história. Não me refiro à história da humanidade, que é disciplina obrigatória para todos os que fazem parte dela. A história que você deve, obrigatoriamente, conhecer é a história do jornalismo. Ou melhor: como o jornalismo vem mudando o mundo antes mesmo de chamar-se jornalismo.

Gutenberg é o herói de uma legião de pensadores, autores, visionários, tradutores, artistas, gravadores, papeleiros, impressores, livreiros, todos beneficiários diretos das suas inovações.

Quem soube registrar, organizar, atualizar, hierarquizar e periodizar a formidável massa de informações produzidas desde então foi uma categoria – ou bando – de doidos: os jornalistas.

Você. Jovem, ou velho jornalista, você é um operário da história. Ou, se preferir, historiador com o pé no acelerador.

Portanto, questione, remexa, desencave o passado do seu ofício. Depois, devidamente instrumentado e consciente, goze plenamente todas as delícias dos gadgets de Steve Jobs (DINES, 2010, p. 22-25).

As três cartas têm muito em comum ainda que cada uma fale desde o seu tempo e lugar. Os três jornalistas dialogam com a história. Eles afirmam o jornalista como um historiador, historiador contemporâneo, historiador com o pé no acelerador, operário da história. Narradores dos acontecimentos vividos, presenciados, observados, os três missivistas prescrevem como o jornalista deve agir. Demonstram admiração pela profissão e enaltecem os profissionais. Quais as aptidões que devem ter e quais os conhecimentos que devem buscar para comunicar-se com seus leitores – aspectos fundamentais nas três cartas.

Para realizar a façanha de ser jornalista, esses profissionais precisam do saber da história: como conceito para discernir o que é do tempo presente; e da historiografia para conhecer o passado – o que já aconteceu ilumina o presente assim como a história do jornalismo esclarece sobre sua posição no mundo.

As cartas expressam o saber da experiência com a intenção de dar continuidade à profissão reconhecendo como necessárias a História, a Sociologia, a Filosofia e as disciplinas para o domínio da escrita com a incumbência de narrar o presente.

Elas suscitam, também, a prática científica que tomando os princípios do jornalismo (estes que estão expressos nas cartas) deve se desenredar deles para transformá-los em objeto de estudo. O diálogo interessante de ser observado e trabalhado é entre estas duas instâncias. Da prática da profissão para a prática científica e, desta, retornar para a prática da profissão. É um *continuum* entre práticas e fazeres. É o círculo hermenêutico iniciado na experiência profissional e a ela retornando após passar pela prática científica.

A intenção ao partir das cartas foi reconhecer, no texto do jornalista, as questões suscitadas pela profissão e as disciplinas que os autores afirmam necessárias para o exercício da profissão. E, então, dar um passo na direção da prática acadêmica, que parte desta base para construir seus objetos de estudo.

São instâncias dialógicas para a produção do conhecimento: conhecer para dar continuidade à profissão. As cartas fazem isto. E conhecer, desenredando-se dos princípios do jornalismo, para criticar o jornalismo existente e projetar outro, incorporando novas disciplinas – e que pode nos encaminhar para outros diálogos, como o que se dá entre pesquisa e ensino. Será que o que sabemos como pesquisadores se expressa num ensino que contribui para o exercício da profissão?

Termino com uma citação de Cebrián em que os mesmos temas são tratados.

O jornalismo é um gênero literário particular, de natureza incontestavelmente distinta, mas de estatuto criativo semelhante aos dos ensaios, do romance ou da obra de pensamento. Um gênero dotado de regras (rigor, hierarquia dos fatos e qualidade de reflexão) que impõem restrições de responsabilidade diversas daquelas que regulam outros gêneros e o transformam numa disciplina que não é apenas aquela do dar a conhecer, mas antes a do próprio saber (CEBRIÁN, 2010, p. 33).

Dar a conhecer é do jornalismo, o saber acerca do jornalismo é da responsabilidade de uma disciplina, cuja prática científica parte das questões formuladas no exercício da profissão combinado com o saber de outras tantas disciplinas ou, em outra formulação, é da responsabilidade das disciplinas que cuidam de nos compreender na sociedade contemporânea e que estão divididas mais para corresponder a estrutura interna da ciência do que a uma exigência do conhecimento sobre a realidade do qual o jornalismo faz parte.

A reflexão hermenêutica visa aprofundar o diálogo da prática científica com as demais práticas de conhecimento de que se tecem a sociedade e o mundo. Aprofundar o diálogo entre a prática jornalística



e o conhecimento sobre o jornalismo é buscar formas de estabelecer diálogos menos truncados e menos dissonantes entre o saber e o fazer na esperança de que o jornalismo possa, ao informar sobre a realidade, contribuir para o esclarecimento do mundo.

## **| BIBLIOGRAFIA**

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Difel, 1989.

DINES, A. Carta a um jovem jornalista. In: **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 17, ed. 5, set/out. 2010.

CEBRIÁN, J. L. **Cartas a um periodista y un epílogo para adolescentes**. Madrid: Aguilar, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Pianista no Bordel**. Jornalismo, democracia e novas tecnologias. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

VOLTAIRE. **Conselhos a um jornalista**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

**Christa Berger** é jornalista, professora titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora do CNPQ. E-mail: christabergerk@yahoo.com.br